

CORPOS NARRADOS NAS MEMÓRIAS DAS DITADURAS DO CONE SUL

*Cristina Scheibe Wolff*¹

Este artigo é resultado da pesquisa “Políticas da emoção e do gênero contra as ditaduras no Cone Sul” que, por sua vez, faz parte da pesquisa coletiva que empreendemos no Laboratório de Estudos de Gênero e História da UFSC, sob o título *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul*, financiada pelo CNPq.²

Ao longo dessa pesquisa, fizemos cerca de 200 entrevistas orais, a maioria com mulheres que foram militantes de esquerda e/ou feministas, bem como com participantes de organizações de direitos humanos nos países do Cone Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Algumas dessas entrevistas constituem o principal material que vou utilizar aqui, embora também vá recorrer a textos produzidos pelas organizações de Direitos Humanos e textos de memórias. A pesquisa tem como questão central discutir o uso das emoções nos discursos de resistência às ditaduras que aconteceram nesses países nos anos 1960, 1970 e 1980, buscando perceber seu uso político no sentido que sugere Prochansson, ou seja, compreendendo as emoções como parte da experiência que conforma os discursos e práticas políticas, que têm agência e afetam as opiniões e as maneiras de viver e de fazer política.³

As emoções têm sido alvo, ultimamente, de um novo interesse pela história, como demonstra o recente lançamento da coletânea *Histoire des Emotions*, organizada por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello. Na introdução do terceiro volume desta coleção, Courtine faz questão de apresentá-la no contexto da produção destes autores, que se preocuparam, em sua obra, em “explorar os mundos históricos do corpo, da virilidade e das emoções”. Ou seja, as emoções aparecem em uma continuidade com os estudos sobre a história do corpo, como um convite à compreensão histórica “do continente de nossos medos e nossas penas”.⁴

Também sinto-me muito provocada pela proposta de Sara Ahmed, quando ela propõe no seu livro *The Cultural Politics of Emotion*, explorar como as emoções trabalham para dar forma às superfícies dos corpos individuais e coletivos. Esta autora fala que não irá definir emoção, mas buscar entender como as emoções circulam pelos corpos, examinando como elas se incorporam, e como elas se movem.⁵

Assim, o que estou tratando aqui é de pensar as emoções como algo que está colado aos corpos, e aos pensamentos, que se configura culturalmente e que somente se comunica pela linguagem, mas que cada pessoa tem diferentes maneiras de sentir e expressar. Tão entrelaçados estão os corpos, emoções e o próprio intelecto que, como diz Espinoza, quando lemos uma poesia, por exemplo, uma atividade do intelecto, podemos nos comover (emoção) e chorar (uma reação física, corporal).⁶

Em outro artigo eu explorei o uso político das emoções no discurso das organizações de Direitos

¹ Professora Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, 1D. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, 1998. Pós-doutorado e professora visitante: Universidade de Rennes 2 (França, 2005 e 2018), Universidade de Maryland (2011). Fullbright Chair of Brazilian Studies, Universidade de Massachusetts/Amhers, 2017.

² O projeto “Políticas da Emoção e do Gênero na resistência às ditaduras do Cone Sul” tem financiamento da Chamada MCTI/CNPq Nº 01/2016 - Universal, processo n. 404840/2016-7, bem como a participação de bolsistas PIBIC, UFSC/CNPq. Gostaria de agradecer especialmente às bolsistas Raísa Adriane Gomes e Danielle Dornelles, que estiveram na época da elaboração deste artigo envolvidas na pesquisa. O projeto *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul* reúne os projetos das professoras Cristina Scheibe Wolff, Janine Gomes da Silva e Joana Maria Pedro, bem como pós-doutorandas, doutorandas, mestrandas e graduandas do Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ PROCHANSSON, Christophe. Emoções e Política: primeiras aproximações. *Varia Historia*, v.21, n.34, p. 305-324, julho de 2005.

⁴ CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *Histoire des Émotions*. V.3. Paris: Seuil, 2017, p. 9.

⁵ AHMED, Sara. *The cultural politics of emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004. Pp1-4.

⁶ Sobre Espinoza e a questão dos afetos ver JAQUET, Chantal. *A unidade do corpo e da mente. Afetos, ações e paixões em Espinoza*. Tradução Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2011.

humanos, que procuram humanizar as e os militantes para, através da empatia, sensibilizar o público para a forma como foram tratados nas ditaduras e assim criar fatos políticos.⁷ Neste texto, o foco é pensar sobre uma dimensão da política e das emoções centrada no corpo. Esse corpo que se arrepia, se aquece, ruboriza, cujas sensações de prazer e dor são tanto consequências como causas de emoção. Esse corpo é marcado e construído pelo sexo e pelo gênero, assim como pela “raça”, pela idade, pela classe e pelas emoções. Dessa forma, minha intenção neste artigo é refletir sobre os corpos militantes, e como as emoções são narradas nos discursos que envolvem esses corpos, como são corporificadas nos discursos e sentidas como sensações, às vezes, mais até do que como sentimentos.

Ditaduras e resistência

A partir de 1954, com o golpe de estado que colocou Alfredo Stroessner no poder no Paraguai, e depois de abril de 1964, com o golpe civil-militar no Brasil, todos os países do Cone Sul viveram ditaduras inspiradas na doutrina da Segurança Nacional: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. A ditadura não era uma coisa nova nesses países, talvez com exceção do Uruguai e do Chile, que viveram décadas sob regimes democráticos. E também devemos considerar a influência do governo dos Estados Unidos na divulgação da Doutrina da Segurança Nacional e o suporte, com treinamentos e equipamentos para as forças armadas de várias nações, cada qual de acordo com sua especificidade.

Ao mesmo tempo em que as ditaduras eram implantadas, organizações de direitos humanos e de resistência e defesa da cidadania começaram a emergir. Grupos da Igreja Católica ligados à chamada Teologia da Libertação abrigaram agrupamentos de pessoas com posições de esquerda e promoveram organizações comunitárias e iniciativas pastorais, que foram muito importantes naquele momento e no desenvolvimento das ações em prol dos Direitos Humanos. Nesse período também se desenvolveu na América do Sul e no mundo inteiro a “Nova Esquerda”, inspirada principalmente na Revolução Cubana e na Revolução Chinesa, que questionava as orientações dos partidos comunistas alinhados à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Os grupos da Nova Esquerda organizaram-se em torno da esperança de que movimentos que começariam com pequenos grupos de vanguarda poderiam se espalhar por outras camadas sociais, como ocorreu em Cuba nos anos 1950, ou por acreditar na rebelião popular, como a que ocorreu na China.

Esse período foi também marcado, no mundo ocidental, pela segunda onda do Movimento Feminista. Apesar das ditaduras, a contracultura e o feminismo foram importantes na formação das subjetividades da geração jovem nesses vários países. Em 1968, enquanto na França os estudantes protestavam contra as rígidas normas acadêmicas e estavam ao lado do movimento sindical, e os norte-americanos se colocavam contra a guerra do Vietnã, no Brasil, grandes passeatas foram organizadas contra a ditadura, bem como na Argentina em 1969. Nessas passeatas, a palavra “liberdade”, presente tanto na França como nos EUA, estava colocada mais como uma forma de desafio à ditadura.

A constituição dos grupos de esquerda, portanto, começou a contar com a participação de um número de mulheres muito maior do que usualmente participava da esquerda tradicional. No Brasil, Marcelo Ridenti encontrou de 15 a 20% de mulheres nas organizações armadas, em dados obtidos nos processos contra elas.⁸ No Uruguai, entre os Tupamaros, Ana Maria Araujo menciona que um terço dos militantes eram mulheres.⁹ Da mesma forma, entre os militantes desaparecidos na Argentina, em torno de 30% eram mulheres.¹⁰ Para o Chile, Bolívia e Paraguai, não tenho dados numéricos, mas a participação de mulheres em grupos de guerrilha e resistência também é reportada¹¹.

⁷ WOLFF, Cristina Scheibe. Pedacos de alma: emoções e gênero nos discursos da resistência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 975-989, 2015.

⁸ RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 1993, p. 198.

⁹ ARAUJO, Ana Maria. *Tupamaros, des femmes de l'Uruguay*. Paris : Des femmes, 1980, p. 32.

¹⁰ CAPDEVILA, Luc. Genre et armées d'Amérique Latine. *Clio. Histoire, Femmes et Sociétés*, n.20, Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2004, p. 147-168, p. 158.

¹¹ BALDEZ, Lisa. Nonpartisanship as a political strategy. Women left, right, and center in Chile. In: GONZÁLEZ, Victoria and KAMPWIRTH, Karen (org.) *Radical women in Latin America*. Left and right. Pennsylvania: The Pennsylvania University Press, 2001, p.273-297; ZOTTELE, Ingrid et alii. *Femmes et Dictature. Être chilienne sous Pinochet. Récits recueillis et présentés par Catherine BLAYA*. Paris: ESF, 2000; PERICÁS, Luiz Bernardo. Bolívia: Militares, movimentos sociais e guerrilhas (1964-268

Resistência é um conceito muito amplo. Normalmente pensado em oposição a “poder”, resistência pode ser qualquer tipo de ação, individual ou coletiva, realizada contra um governo, uma instituição, uma lei, uma ação repressiva. Para Foucault, toda relação de poder traz consigo uma ação de resistência, que lhe é mesmo intrínseca e inseparável, destacando o caráter relacional de toda relação de poder.¹² No contexto da Segunda Guerra Mundial, a resistência é uma questão muito estudada nos vários países ocupados pela Alemanha nazista, especialmente a França. Mesmo em países como a Alemanha e a Itália, nos quais o nazismo e o fascismo dominaram os governos naquele período, a ideia de uma resistência é muito acalentada pela historiografia posterior.¹³ Esta noção de resistência como um amplo leque de ações e movimentos contra uma ditadura, tirania, ou regime de exceção é usada por todo o mundo por historiadores, cientistas sociais e outros em contextos muito diversificados.¹⁴ E é aplicada tanto para movimentos armados como os *partisans* na França, os movimentos de libertação da Argélia e em toda a África, como também para movimentos pacifistas como a luta de Nelson Mandela contra o *Apartheid*, na África do Sul, ou o movimento dos direitos humanos nos Estados Unidos.

Desta forma, penso que posso utilizar esta noção de resistência para incluir a guerrilha, os movimentos de direitos humanos e mesmo as organizações de familiares de presos e desaparecidos, assim como também outros tipos de movimentos, como associações profissionais e partidos de oposição no contexto das ditaduras do Cone Sul. Isto é importante pois, como já foi demonstrado por Marcelo Ridenti para o caso brasileiro, muitas vezes a resistência armada foi mistificada como sendo a única “verdadeira” resistência, como parece ser o caso do Chile também. Em outros contextos, percebemos que um movimento ou grupo é tomado frequentemente como o único ou principal representante da resistência, como no caso da Argentina, das *Madres de la Plaza de Mayo*.¹⁵

A noção de direitos humanos foi construída na cultura ocidental desde o século XVIII e adquiriu um significado novo e especial depois da Declaração Universal dos Direitos Humanos pela Organização das Nações Unidas, em 1948, após a divulgação das atrocidades cometidas pelo exército alemão contra os judeus e outros grupos étnicos, religiosos e políticos nos campos de concentração.¹⁶

Desde o golpe de estado de 1º de abril de 1964, no Brasil, uma das primeiras medidas do novo “governo revolucionário” foi a prisão de todos os militantes conhecidos do Partido Comunista, bem como de sindicalistas e líderes estudantis. Mas foi após o Ato Institucional N. 5, de dezembro de 1968, que foi organizada uma repressão mais sistemática com participação do exército, da marinha, aeronáutica, polícia política e até de grupos civis e empresários, atuando de forma coordenada, certamente como resposta aos grandes protestos organizados especialmente por estudantes naquele ano.¹⁷ Ao mesmo tempo, familiares dos prisioneiros e desaparecidos começaram a pressionar por todos os meios disponíveis por informações e a liberação de seus filhos, filhas, maridos, amigos. Todos os tipos de caminhos eram usados: um amigo ou parente nas Forças Armadas ou na polícia, visitas às prisões e especialmente o apelo à Igreja Católica. Por outro lado, grupos como o Movimento Feminino pela Anistia, os Familiares de Desaparecidos Políticos do Araguaia e Clamor, também começam a aparecer no cenário político, principalmente depois de 1973, quando houve algumas mudanças na

1971). *Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC*. Vitória, 2000. Disponível em <http://www.ifch.unicamp.br/anphlac/anais/encontro3/ensaio20.htm>; ECHAURI, Carmen (et. al.). *Hacia una presencia diferente. Mujeres, organización y feminismo*, Assunção: CDE, 1992.

¹² FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. A vontade de saber*. Vol.1, 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 91.

¹³ PEUKERT, Detlev J. K. *Inside Nazi Germany: conformity, opposition and racism in everyday life*. New Haven: Yale University Press, 1987; SOO, Scott. *Resisting in France and la vie inventée*. *Journal of Contemporary History*, University of Sussex, v.1 (2000), p 1-10.

¹⁴ RIDENTI, Marcelo. Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para pesquisadores. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (org.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru - SP: Edusc, 2004, p. 53-65, p. 54.

¹⁵ Não estou aqui defendendo que as “Madres” não sejam um movimento muito importante na resistência argentina, e mesmo no contexto sul-americano, apenas que elas não constituem toda a resistência.

¹⁶ HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos. Uma história*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2009. Ver também IRIE, Akira e HITCHCOCK, William I. (ed.) *The human rights revolution: an international history*. New York: Oxford University Press, 2012.

¹⁷ JOFFILY, Mariana. Os Nunca más no Cone Sul: gênero e repressão política (1984-1991). In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria. (org.). *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011, p. 213-232.

política da ditadura brasileira, com o início do processo chamado “distensão”.

No Paraguai, o regime de Stroessner começou muito antes, em 1954, com a derrota do projeto *Febrerista* que visava um tipo de governo mais nacionalista e de cunho socialista. Como uma população pequena, em um território maior do que vários países europeus, mas com uma tradição muito enraizada de autoritarismo no governo e na vida social¹⁸, o regime de Stroessner foi capaz de estabelecer um sistema repressivo de vigilância incrível. O *Museo de la Justicia*, também conhecido como “*Archivo del Terror*” guarda os remanescentes de um imenso arquivo formado por relatórios de vigilância de vários tipos de pessoas vistas como opositoras ao governo, que mostra que essas pessoas eram seguidas em cada um de seus passos e seus movimentos registrados e relatados. Entre essas pessoas destacam-se estudantes, sindicalistas, padres e freiras, qualquer estrangeiro que chegasse ao país, esposas e parentes de “suspeitos”, e muitos outros, incluindo “feministas”. As mães, esposas e outras mulheres com familiares presos logo procuraram o apoio de alguns padres da Igreja Católica e, depois da segunda metade dos anos 1970, também procuraram obter apoio internacional com a Anistia Internacional e outras organizações. E passaram a visitar prisioneiros e prisões por todo o país.

No Chile, desde 1973 o *Comité de Cooperación para la Paz en Chile*, que depois tornou-se a *Vicaria de la Solidaridad*, atuou sob o abrigo da Igreja Católica, prestando assistência legal e social às vítimas das violações aos direitos humanos decorrentes do Golpe de Estado perpetrado por Augusto Pinochet em 11 de setembro daquele ano. Em torno desta organização surgiu a *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos*.¹⁹ Esta associação foi presidida por Sola Sierra entre 1977 e 1999. Uma de suas principais formas de luta foram greves de fome, mas também usaram a dança através de uma dança folclórica dançada tradicionalmente em pares - a *Cueca* -, performatizada por uma mulher sozinha, *la cueca triste*. E, através de oficinas de *Arpilleras*, um tipo de tapeçaria, feitas por mulheres e crianças, familiares de desaparecidos, muitas vezes com motivos políticos.

Na Argentina, foram várias as organizações de direitos humanos que se organizaram, especialmente após o Golpe de estado de 1976, mas algumas já vinham atuando desde antes, pois as prisões, desaparecimentos e torturas começaram bem antes da ditadura propriamente dita, naquele país. Entre essas organizações, pode-se destacar, entre outras: *Asamblea Permanente por los Derechos Humanos - APDH*, *Centro de Estudios Legales y Sociales - CELS*, *Madres de Plaza de Mayo*, *Servicio Paz y Justicia*, *Abuelas de Plaza de Mayo*, *Familiares de Desaparecidos e Detenidos por Razones Políticas*. A mais conhecida, que hoje se divide em duas organizações (após 1987) é sem dúvida *Madres de la Plaza de Mayo*, formada em 1977 por um grupo de mães de militantes políticos sequestrados que passaram a colocar na cabeça fraldas brancas e a se reunir na Plaza de Mayo, em frente à sede do governo argentino, para protestar todas as quintas feiras.

No Uruguai, após o golpe de estado de 1973, várias organizações se formaram, como as *Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos Desaparecidos*, a *Comisión de Derechos Humanos del PIT CNT (Central Sindical de Trabajadores)*, o *Instituto de Estudios Legales y Sociales del Uruguay (IELSUR)*, a *Comisión de Familiares de Asesinados Políticos*, a *Asamblea de ex presos/as políticos del Uruguay (CRYSOL)* e o *Servicio Paz y Justicia (SERPAJ)*. Várias destas organizações continuam atuando, e como na Argentina e no Chile, a luta pela responsabilização dos torturadores e responsáveis pelos desaparecimentos e assassinatos.

Na Bolívia, finalmente, é muito interessante a trajetória da ASOFAM, Associação de Familiares de Presos, Desaparecidos e Mártires pela Libertação Nacional da Bolívia, formada a partir dos familiares dos guerrilheiros da guerrilha de Teoponte, do início dos anos 1970. Foi presidente desta organização por muitos anos Loyola Guzman - ela mesma uma participante da guerrilha do Che -, cujo companheiro foi assassinado pela ditadura de Banzer. Além de greves de fome, esta organização obteve, em vários momentos, apoios internacionais para suas reivindicações. Outra organização muito importante é a *Amas de Casa Mineras*, afiliada à *Federación de Mineros* e à *COB, Central Obrera de Bolivia*, que foi liderada durante alguns anos por Domitila de Chungara.

Analisando os materiais dessas organizações, pode-se perceber como as emoções e sentimentos ligados à maternidade e à família, bem como à ideia de humanidade foram mobilizados para sensibilizar a opinião pública. Parecia diferente dizer que um militante ou um guerrilheiro tinha sido

¹⁸ ALCALÁ, Guido Rodríguez. *Ideología autoritaria*. Asunción: Servi Libro, 2007.

¹⁹ GARCÍA, Mireya. *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos*. Santiago: AFDD, 2002.

torturado e estava desaparecido, do que uma mãe dizer: procuro meu filho.

Nos diversos discursos da resistência, outros sentimentos foram explorados, além desses que evocam a maternidade: a honra, a noção de dignidade, a evocação religiosa da paixão de Cristo e do sofrimento de Maria, a ideia de solidariedade e amizade. Sentimentos que compõem uma retórica que foi efetiva nas transformações políticas desses países do Cone Sul.

No momento atual, podemos nos perguntar sobre o esquecimento desses sentimentos. Por que parecem estar perdendo efetividade? Que processos estamos vivendo que atingem tanto as conquistas feministas quanto as ligadas aos direitos humanos, especialmente no Brasil? Por outro lado, mulheres e jovens se articulam em novos movimentos sociais cujas bandeiras continuam mobilizando os direitos humanos como centrais.

Corpo que luta

Os corpos das e dos militantes eram concebidos como instrumentos de luta, tanto na guerrilha quanto na arena política, e isso implicava naquele momento em uma performatividade, como ensina Butler, que estava baseada em todos os estereótipos e modelos militares, vinculados às construções do masculino. Em muitas narrativas de militância isso aparece de forma bastante explícita. Moriana Hernandez, do Uruguai, que militava na Juventude Comunista, conta:

E o marco de uma militância é muito masculino, onde algumas de nós olhávamos com certo desprezo as outras companheiras que não se atreviam a militarem sério [risos], ou seja, a militarem como homens. Agora, veja que é muito engraçado, porque eu me recordo de haver sofrido críticas, dentro da Juventude Comunista, pelo meu modo de me vestir, demasiadamente feminino. Meu *look* não era exatamente como deveria ser o de uma militante.²⁰

Ela diz, assim, que havia apenas um modo de ser militante e isso incluía gestos, tom de voz, um “*look*”, comportamentos considerados masculinos. E recorda um certo sofrimento, dado pelas críticas que recebia. Várias militantes falam de moldarem seus corpos para a luta, o que significava muitas vezes o que algumas delas chamam de uma “masculinização”, cortando os cabelos, vestindo roupas mais práticas, fazendo treinamentos militares, aprendendo a usar armas.

Uma outra militante diz que batia na mesa, namorava vários rapazes, falava alto, para ser ouvida. Várias militantes em vários países falam disso, especialmente as que eram solteiras e as que tiveram papéis de liderança. Gladys Diaz, do Chile, diz:

Eu me converti em uma pessoa que batia na mesa, que insistia, digamos. Eu me pus de “igual para igual” com os homens, usava dos mesmos métodos, que não são os mesmos da mulher. A mulher é muito “limpa”, muito transparente, e a mulher não necessita fazer alarde. No campo da política, quando estás com os homens isso é inevitável, se não perde o espaço, se não, não te respeitam.²¹

Era como se, ao militar desta forma, elas pudessem mimetizar os testículos, *cojones*, continuando com a fala de Moriana Hernandez: “O que quero te dizer com isto é que, se de alguma maneira te habilitavas para discutir, era esta a concepção de coragem, e nada mais; só que não no sentido machista, mas para militar tinha que se ter *culhões (cojones)*.”²² Precisavam moldar seu corpo, sua fala, expressar-se de outra maneira, e isso implicava em colocar o corpo de outra maneira na cena pública.

Essa questão dos *cojones* diz muito sobre essa relação simbólica do corpo, ou de certas partes, ao menos. Sobre isso, gosto de citar um trecho do jornal *El Descamisado*, produzido pelo grupo argentino Montoneros, no qual estavam descrevendo uma grande manifestação que eles promoveram em 1973:

²⁰ VALENTINI, Moriana Hernandez. Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff. Montevideu - Uruguai, 24/03/2008. Acervo do LEGH/UFSC.

²¹ DIAZ, Gladys. Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro (digital). Chile, 06/2010. Acervo LEGH/UFSC.

²² VALENTINI, Moriana Hernandez. Entrevista...

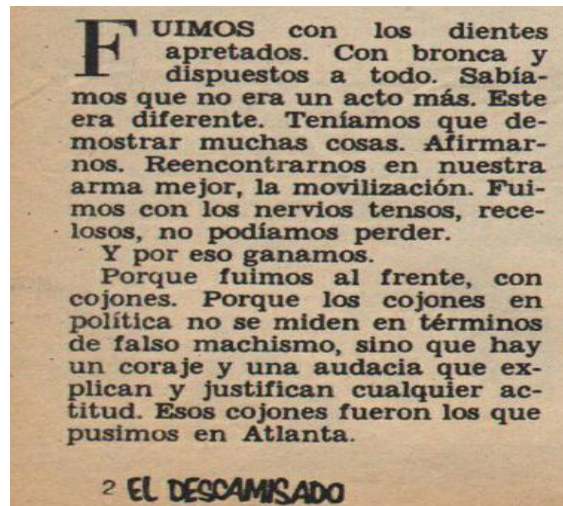


Figura 1: Excerto do jornal El Descamisado.²³

Ter culhões, *cojones*, é sinônimo de ter coragem, o que pela lógica pode significar que é preciso um corpo macho para ter coragem e lutar, então as mulheres tinham que transformar de alguma maneira seus corpos, pensando a corporalidade de um modo bem amplo, para se habilitarem à luta. Mas a palavra coragem vem do latim *coraticum*, que une o prefixo *cor* (coração) com o sufixo *aticum* (agir, ação) ou seja, agir com o coração. Para os latinos, a coragem não se situava nos culhões, mas no coração, que em nossa cultura é sinônimo de emoção e tem o sentido de não pesar as consequências, de ir para a luta, mesmo sabendo do perigo, de estar pronto a enfrentar a dor, o trabalho, a morte, se houver para isso uma motivação, um ânimo, ou seja, uma alma. Podemos questionar porque a coragem foi rebaixada do coração para os culhões, o que certamente tem a ver com milhares de anos de história das relações de gênero.

Como continua narrando Moriana Hernandez, agora sobre sua experiência sindical no Uruguai,

Nós dizíamos que éramos como um camaleão, que entrávamos mulheres no Sindicato e, dentro do Sindicato, fazíamos como camaleões e nos transformávamos em homens. E depois encontramos com uma expressão muito mais feliz que a nossa, que era isto de nos travestirmos, nós nos travestíamos...²⁴

Então, é muito interessante pensar também que a questão da transformação corporal não é uma questão exclusiva dos grupos emergentes de pessoas “trans”, esses corpos ciborgues, ou esses corpos transformados também aconteciam ali, na luta sindical e na luta armada, pois era assim que muitas mulheres sentiram seus corpos se transformarem. A militante argentina Pola, entrevistada por Marta Diana no livro *Mujeres Guerrilleras*, conta que para ser aceita no PRT (*Partido Revolucionario de los Trabajadores*) teve que transformar-se; antes usava cabelo longo e minissaias, depois: “*Pelo corto como hombre, zapatillas, blue jeans, camisa de hombre*”.²⁵

E às vezes também os corpos femininos voltavam a ser usados, para determinadas tarefas. É o caso de Vera Silvia Magalhães, por exemplo, que usou minissaia e seu corpo de jovem mulher para chamar a atenção de um dos seguranças do embaixador estadunidense que seria sequestrado pelo seu grupo, para saber sobre sua rotina diária.²⁶ Ou outra militante que se lembra de esconder na coberta de seu bebê um bilhete de Carlos Lamarca para sua esposa, que estava em Cuba. Seu corpo de jovem mãe

²³. ¿Qué pasa general? Esta lleno de gorilas el gobierno popular. *El Descamisado*, n. Extra, 14 de marzo de 1973. Disponível em <http://www.ruinasdigitales.com/revistas/El%20Descamisado%20Extra.pdf>. Acessado em 21/10/2018.

²⁴ VALENTINI, Moriana Hernandez. Entrevista...

²⁵ DIANA, Marta. *Mujeres Guerrilleras. La militancia de los setenta en el testimonio de sus protagonistas femininas*. 2 ed. Buenos Aires: Planeta (Espejo de la Argentina), 1997, p. 88.

²⁶ Micropolítica do afeto. (Entrevista concedida por Vera Silvia Magalhães a Newton Goto, com participação de Felipe Maranhão. Rio de Janeiro, Novembro/2003), disponível em https://newtongoto.files.wordpress.com/2011/10/ab_micropolc3adtica-do-afeto_ok.pdf. Acesso em 17/08/2018.

com bebê não era visto como perigoso, mas carregava algo que a polícia cobijava, e que poderia levar à sua prisão.

Neste sentido, é interessante pensar também na conexão, especialmente naquele momento, entre o próprio significado da palavra “luta” para o contexto das disputas políticas. Vivia-se um tempo de luta armada, apresentada como a única saída para a revolução. Muitos jovens e vários militantes mais velhos também assumiram isso naquele momento histórico. Para os Tupamaros, do Uruguai, por exemplo:

La única vía para la revolución socialista será la lucha armada. (...) Las verdaderas soluciones para nuestro país implican un enfrentamiento directo y violento con la oligarquía y sus órganos de represión. La lucha armada no sólo es posible en el Uruguay, sino imprescindible: única forma de hacer la revolución. La lucha armada será la principal forma de lucha de nuestro pueblo, y a ella deberán supeditarse las demás. La lucha armada no será solamente instrumento para el asalto al poder burgués, sino que, como el resto de América Latina, será el mejor instrumento para crear condiciones revolucionarias.²⁷

E para a ALN (Ação Libertadora Nacional - Brasil), a ação, ação armada, era o único caminho para a revolução.

A nossa organização é a Ação Libertadora Nacional. O que ela hoje representa não o conseguimos de uma hora para outra, nem sem sacrifícios, mas através de um esforço decidido e abnegado. A esse esforço não faltaram a bravura e o desprendimento daqueles que tombaram, mortos no cumprimento do dever revolucionário, dos que foram arrastados às masmorras da reação e barbaramente torturados ou caíram assassinados pela polícia. A ação revolucionária desencadeada por pequenos grupos de homens armados foi o grande esforço de onde proveio a nossa organização. Já não resta dúvida, agora, depois de termos passado à ação revolucionária, que é somente através dela que pode surgir a organização capaz de tornar a revolução vitoriosa.²⁸

Assim, há um componente que conecta a disputa política com a guerra, a revolução como luta armada, implicando aí em um imaginário que valoriza a ação militar. O próprio termo militante, usado pelos integrantes de organizações de esquerda, mesmo que fossem partidos, ainda hoje muito usado, leva a um significado que aproxima com a questão militar.

O guerreiro, o militar, o soldado é, em nossa cultura e muitas outras, uma figura na qual a masculinidade é o padrão. O corpo guerreiro é muito fortemente investido de qualificações, roupas, imagens, que remetem à masculinidade. Já discuti isso em outros textos, e apesar de algumas imagens fortes, mais presentes no final dos anos 1970, especialmente com a Revolução Nicaraguense, na qual as mulheres combatentes tiveram muita visibilidade, o corpo combatente no Cone Sul nos anos 1960 e 1970 era predominantemente masculino nas imagens. Esse corpo devia ser, antes de tudo, corajoso, ousado e forte. Muitas vezes sentimentos como medo, saudade, ou mesmo amor e desejo sexual, eram vistos como “fraquezas” neste contexto. Como se negassem essa fortaleza que devia ser o militante.

Corpo torturado / que resiste / que sucumbe

Outro aspecto que conecta corpos, emoções e gênero no contexto das ditaduras do Cone Sul é a tortura, porque foi usada, mas também porque ela foi denunciada, e sua denúncia teve efetividade. Digo isso porque a tortura não é algo novo no mundo, no Brasil, nos países da América Latina. Também não é algo que tenha acabado. O que foi diferente naquela época foi o uso sistemático, sofisticado, organizado, quase “científico” da tortura como método de repressão e desarticulação dos grupos de esquerda, partidos comunistas, e outros movimentos de resistência às ditaduras.

Certamente um choque, uma pancada, uma chicotada dói da mesma forma num corpo masculino,

²⁷ Tupamaros, Uruguay. Documento n. 1, 1967. Disponível em <http://www.cedema.org/ver.php?id=111>.

²⁸ MARIGHELLA, Carlos. O papel da ação revolucionária na Organização. (maio de 1969). In: REIS FILHO, Daniel Aarão e SÁ, Jair Ferreira. *Imagens da revolução*. Documentos políticos das organizações de esquerda dos anos 1961-1971. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p. 207-221, p. 207-208.

feminino ou infantil, mas a tortura aplicada a esses corpos significa diferente, é sentida diferentemente por aqueles que ouvem, que veem ou leem.

Anistia Internacional declara que crianças são vítimas de perseguição política - Agosto de 1979. “em um número de casos descritos no relatório, crianças têm sido sujeitadas a torturas. Em uma ocasião citada no relatório da Anistia Internacional, uma mãe refugiada em 1975 alegou que sua filha de três anos tinha sido torturada à sua frente por quatro dias em um centro de detenção chileno. ‘Eles despiram minha pequena filha e a chicotearam com um chicote de couro. Eles a colocaram em um barril com água gelada e quase a afogaram. Eles ameaçaram estuprá-la e a chicotearam de novo. Isso foi repetido quatro vezes por dia por quatro dias’, ela falou. O propósito da tortura, de acordo com a mãe, era obter informações sobre o paradeiro de seu marido, um sindicalista de 33 anos que se opunha à junta militar chilena²⁹.

É impossível não se indignar com esse relato e é por isso que a Anistia Internacional o publicou. chega a doer na gente. E sim, dói mais do que se fosse um adulto, especialmente sabendo que a mãe assistia à tortura. A leitura desse trecho chega a nos dar uma reação física, uma tensão, lágrimas, arrepios. É como se a sensação da tortura passasse um pouco, mimeticamente, para o corpo do leitor, passando pelo cérebro, mas se estendendo pela pele, pelos músculos, pelos olhos e pelo coração.

As mulheres que entrevistamos falam pouco sobre a tortura. Afinal, descrever aqueles momentos é revivê-los de alguma forma. Elas preferem falar de sua resistência, como Gladys Diaz, que foi militante e membro do Comitê Central do MIR, no Chile:

E me dizia a mim mesma, baqueada como estava, mas cheia de eletricidade, me dizia que esse era meu papel. Sou uma dirigente do Comitê Central, não posso me fazer de louca, quando o que tenho que fazer é, ao contrário, gritar: “pátria ou morte, venceremos”. Eu me propus, o fiz e consegui.³⁰

E da solidariedade das outras presas:

Eu de repente, e disso lembro como se fosse hoje, alguém me agarra a patadas “o que estás fazendo aqui?” e palavras feias, daí me empurrou e me bateu na cabeça. “O que estás fazendo aqui? Quem te colocou aqui?”, me tiraram, abriram uma porta e me atiraram lá dentro. Lá tiraram a venda e havia um monte de mulheres, e eu me perguntando o que era aquilo. “Gladys!”, me reconheceram, pois eu era sua dirigente, me fizeram massagem, me deram um pouco de água, eu não entendia nada. Disseram, “que bom que te desceram da torre”. Vocês já foram a Villa Grimaldi? Bem, há uma torre e sempre me deixavam lá. Então, “que bom que te trouxeram conosco” e eu estava um pouco afogada de tanto tempo sem sol. Abriam as janelas e quando abriam eu fiquei ali um pouco dormente (...), pois eu estava muito torturada, muito torturada. Não havia como me tocar porque eu estava muito inchada.³¹

Gritar, resistir. Sofrer a tortura e não “quebrar”, não falar. E por outro lado, sentir a solidariedade, através do abraço, do carinho, da massagem, da água, da luz do sol. Gladys conta esse momento como uma vitória. Se conta o sofrimento, transparece também em sua narrativa a superação e o orgulho por não ter falado o nome de nenhum companheiro, não ter sucumbido. Talvez isso faça dessa mulher uma porta-voz, uma pessoa que pode falar desse momento. Se tivesse falado, agora seria

²⁹ Amnesty International says children are victims of political persecution - August 1979. No original: “In a number of the cases described in the report, children have been subjected to torture. In one instance cited in the Amnesty International report, a refugee mother alleged in 1975 that her three-year-old daughter had been tortured before her eyes for four days in a Chilean detention center. ‘They undressed my little daughter and whipped her with a leather whip. They put her in a barrel with ice water so she almost drowned. They threatened to rape her and whipped her again. This was repeated four times a day for four days’, she said. The purpose of the torture, according to the mother, was to obtain information about the whereabouts of her husband, a 33-year-old trade unionist who opposed the Chilean junta. (Tradução livre). Documento consultado no acervo do Secretariado Geral da Anistia Internacional no International Institute of Social History sediado em Amsterdam.

³⁰ DIAZ, Gladys. Entrevista...

³¹ DIAZ, Gladys. Entrevista...

melhor silenciar. A narrativa da tortura e a narrativa da solidariedade sentida passam pelo corpo, por contar sensações que são, de certa maneira, talvez empaticamente, compartilhadas com quem escuta.

Nem todas as torturas eram marcadas nos corpos, das mesmas formas. Stela Rojas, do Paraguai, compara sua situação com a do marido, que ficou preso dois anos em *Emboscada*.

(...) si... eh...hay mucho dolor... mucho dolor, entonces no es muy fácil... y, bueno, él sí porque, digamos, estuvo dos años torturada, era más visible..., entonces, pero... muy poco se rescata [de] la historia de las mujeres, y sobre todo lo que es, porque durante los dos años que él estuvo en Emboscada, durante dos años yo me fui a Emboscada ah... era un peregrinaje, esperar que te dejen entrar... para entrar te desnudaban... te... y era una violación todas las veces que uno iba..., el maltrato, las amenazas, llegábamos, digamos, con un montón de cosas... te revisaban hasta lo imposible... y depues te decían: no! hay un problema, hubo alguien que intento escaparse... entonces, era...³²

Stela chama as revistas, as filas, as humilhações, sofridas para visitar o marido na prisão de violações, e denuncia que isto não é visto da mesma maneira que a tortura sofrida dentro da prisão. Ela se sente menos valorizada que o marido, que, por ter ficado preso mais tempo, adquiriu um reconhecimento pelos companheiros de esquerda, pelos grupos de solidariedade internacional, etc.

Assim, se os corpos de mulheres e crianças torturados criam relações de empatia, e são capazes de suscitar a compaixão, a indignação e dessa forma podemos dizer que eles têm agência, por outro lado são vitimizados, enquanto que os corpos masculinos, considerados “mais fortes”, podem ser heroicizados. Ou seja, mulheres e crianças são potencialmente vítimas, enquanto os homens se tornam heróis se sobrevivem, e mártires se morrem.

Gladys Diaz teve seu caso divulgado, inclusive pela Anistia Internacional, tanto na brochura *Women in Prison*, quanto na que se chamou *Journalists in Prison*. Recentemente ela tem sido entrevistada, especialmente sobre sua experiência na prisão, como uma sobrevivente, como alguém que foi capaz de resistir. Mas, se tivesse morrido, teria ganho algumas notas nos jornais do MIR, em alguns livros, talvez, uma foto no *Museo por la Memoria*. Miguel Henriques, com quem ela costumava compartilhar o café da manhã, já que ela cozinhava, e ele vinha visitar a ela e a seu companheiro, tornou-se um herói para o MIR.

*Ha muerto un revolucionario ejemplar, ha nacido un nuevo héroe de la clase obrera y el pueblo. Las banderas rojinegras del partido y la Revolución proletaria chilena no se inclinan ante su muerte. Para el revolucionario la muerte es también un acto de combate, un llamado a la lucha. Nuestras banderas se levantan aún más alto para proclamar al mundo que la sangre de Miguel Enríquez corre hoy por las venas de todo un pueblo, acusando a asesinos y torturadores, emplazando a los vacilantes, galvanizando a los débiles, acicateando a los temerosos, acerando a los que luchan y combaten, inculcando a todos a seguir su ejemplo de consecuencia, inteligencia, valor y sacrificio revolucionario.*³³

Os corpos importam, como diria Judith Butler (2015), e importam de maneiras diferentes segundo sexo, gênero, raça, idades, classes. Os corpos são, afinal, o lugar da vida, das sensações, da dor e do prazer. Aquilo que atinge os corpos é muito facilmente imaginado por todos, experimentado e narrado.

³² VITTORE, Stella M. Rojas. Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro. Assunção, Paraguai. 28/07/2010. Acervo do LEGH/UFSC.

³³ *El Rebelde en la clandestinidad. Órgano oficial del Movimiento de Izquierda Revolucionaria*, N.102, Diciembre-1974, p. 6. Fondo Documental Eugenio Ruiz-Tagle, Flacso, Chile. Disponível em <http://fondo.flacso.cl/b-flacso/opac/index.htm>.

Raça, etnia e silêncio

Para o contexto que estou problematizando aqui, o das militantes em grupos da esquerda armada nos anos 1960-70 no Cone Sul, um silêncio muito eloquente marca as narrativas quando se trata de raça/etnia. Muitas das mulheres que estiveram nessas lutas tinham marcada herança indígena ou africana, mas, assim como o feminismo, as questões raciais eram vistas naquele período como divisionistas, como que tirando o foco da “verdadeira” questão, que seria a classe social, que seria a revolução proletária. Talvez seja por isso que esta questão praticamente não aparece na historiografia e na memória social deste contexto. Mesmo o feminismo, conforme denunciavam as feministas negras, demorou muito a admitir as diferenciações e privilégios das mulheres brancas frente às negras.³⁴

Entretanto, algumas militantes contam episódios onde o racismo estava junto com os preconceitos de gênero. Arabela Pereira Madalena, que foi da Ala Vermelha do PCdoB, entrevistada por Tauana Olívia Gomes Silva, fala:

Eu sofria discriminação, mas eu não tinha uma consciência que eu deveria lutar por isso, que eu deveria não baixar a cabeça, retrucar, não tinha isso. Era um sentimento. Sabe onde eu fui tomar essa consciência? Na França. Sabe por quê? Por causa dos africanos não é, aí eu passei a ter contato com africano, foi assim maravilhoso. E estava na época também do movimento negro nos Estados Unidos, os *Black Power*.³⁵

Ela conta que foi presa em 1970 e foi muito torturada, mas, ao mesmo tempo, que no DOPS os policiais questionavam o pertencimento dela à organização já que ela, sendo negra, filha de operário e lavadeira, não pertenceria à mesma classe de outros estudantes que foram presos com ela. Segundo ela, um dos policiais perguntou “Seus pais são pobres, são negros por que você está metida com isso aí?”³⁶ Muitos homens e mulheres negros e negras participaram, no Brasil e em outros países da América do Sul, dos movimentos de resistência às ditaduras. E sofreram a repressão da mesma maneira interseccional com a qual têm vivido nestas sociedades, nas quais os preconceitos raciais se conjugam aos de classe e gênero para agravar as opressões. Assim como as torturas das mulheres eram cheias de insultos como “puta”, “vadia”, “vaca”, quando se tratava de pessoas negras isso se somava a “macaca” e outras palavras que denotavam o racismo. Muito recentemente, há alguns trabalhos que buscam a especificidade da experiência de pessoas negras no período da ditadura.

O silêncio também se estende a mulheres indígenas, camponesas, prostitutas, travestis, como têm mostrado as pesquisas recentes tanto na Comissão Nacional da Verdade no Brasil, como em pesquisas acadêmicas nos vários países³⁷. Neste caso, é como se as vítimas da repressão estivessem em outra categoria diferenciada da dos “militantes políticos”. Outros corpos, outras categorias. Muito ainda teremos que pesquisar sobre essa questão, são temas em aberto, prontos para serem explorados nas pesquisas.

Maria, Maria

Na música de Milton Nascimento e Fernando Brant, *Maria, Maria*³⁸, que fala das mulheres negras e sua resistência, o corpo tem gênero, tem cor, tem “raça”, tem sonho e tem graça. Força e sonho são

³⁴ Ver sobre isso GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. *Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino*, n. 1, p. 12-20, 2011.

³⁵ MADALENA, Arabela Pereira. Entrevista concedida a Tauana Olívia Gomes Silva. (Digital). São Paulo, Brasil, 09/08/2015. Transcrita por Tauana Olívia Gomes Silva. Acervo do LEGH/UFSC. Agradeço a Tauana Olívia Gomes Silva a possibilidade de utilizar estes trechos da entrevista.

³⁶ MADALENA, Arabela Pereira. Entrevista concedida a Tauana Olívia Gomes Silva. (Digital). São Paulo, Brasil, 09/08/2015. Transcrita por Tauana Olívia Gomes Silva. Acervo do LEGH/UFSC.

³⁷ TELES, Maria Amélia de Almeida. Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 1001-1002, nov. 2015. Ver também, entre outros, INSAUSTI, Santiago Joaquín. Los cuatrocientos homosexuales desaparecidos: memorias de la represión estatal a las sexualidades disidentes en Argentina. In: D’Antonio, Débora (comp.) *Deseo y represión. Sexualidad, género y Estado en la historia argentina reciente*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2015, pp. 63-82.

³⁸ BRANT, Fernando e NASCIMENTO, Milton. *Maria Maria*, do disco Clube da esquina 2, 1978. Para ver um clipe recente, <https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc>

componentes desses corpos de mulheres que suam, que trabalham, que militam, e que, por uma estranha magia, têm fé na vida e continuam. Essa música, que se tornou um símbolo importante para o feminismo brasileiro - mas que também foi cantada pela argentina Mercedes Sosa³⁹, a cantora porta voz das lutas latino-americanas nos anos 1970 e 1980 -, faz essa conexão entre corpo, gênero e emoção, e infunde na ouvinte uma outra compreensão.

Para Raymond Williams, experiência é um tipo particular de consciência, distinto de “razão” ou “conhecimento”, ou seja, um tipo de consciência na qual as emoções e afetos devem ser levados em conta.⁴⁰ E é essa experiência que aparece nas narrativas de nossas entrevistadas. Não uma experiência reificada, conforme nos alerta Joan Scott⁴¹, mas uma experiência de viver nesse corpo, nessa pele, de sentir e viver, e de repensar esse viver e (re)sentir os significados, e de se recontar, como mulheres, como protagonistas dessas narrativas. As experiências da militância, da resistência, da tortura, da luta em várias frentes inscrevem-se na narrativa das mulheres, em seus corpos. É a partir destes corpos, de suas sensações, formas, dores, desejos, que a narrativa toma forma e se torna inteligível por uma operação de compreensão que também envolve sentimentos, como a empatia, a dor compartilhada ou as esperanças e desejos por parte de quem escuta ou lê.

Sara Ahmed faz uma reflexão sobre o significado de tantas estórias da tradição oral e da literatura que punem meninas e mulheres insubmissas, teimosas, cheias de vontade, mostrando como a cultura ocidental - e a oriental, muitas vezes - representa essa “vontade” das mulheres como algo negativo.⁴² Em uma das estórias dos irmãos Grimm⁴³, mesmo morta e enterrada, a menina teimosa continua levantando seu braço, em um gesto tão forte, e tão cheio de sentidos para as mulheres que resistem e lutam, desde os anos 1960, e que agora, mais do que nunca, precisam continuar sua luta e resistência. O braço erguido é o corpo que expõe o sonho, uma metáfora que junta corpo, mente, e alma, como propunha Espinoza, e que tem um sentido especial para os movimentos feministas. Essas mulheres, marianas, com essa estranha mania de ter fé na vida.



³⁹ No disco *Un pasaro libre.*, 1983. <https://www.youtube.com/watch?v=GfFjjc5dDHI>

⁴⁰ WILLIAMS, Raymond. *Keywords*. Oxford: Oxford University Press. 1985.

⁴¹ SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione L. da et al. (orgs.) *Falas de Gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999, pp. 21-55.

⁴² AHMED, Sara. *Living a feminist life*. Durham and London: Duke University Press, 2017, pp. 68-70.

⁴³ No Brasil a tradução desse conto infantil usa normalmente “o menino teimoso”, mas Ahmed fala em “her”.

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa que focaliza o uso do gênero e das emoções na retórica dos movimentos de resistência às Ditaduras nos países do Cone Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) a partir de uma perspectiva da História Cruzada. Nas entrevistas realizadas na pesquisa, bem como outras fontes como periódicos, autobiografias e memórias, depoimentos a comissões, entre outras, buscamos relatos sobre o corpo das e dos militantes políticos, usados nas imagens narradas para efetivar uma experiência partilhada com o/a leitor/a. Essa experiência, segundo Raymond Williams (1985), seria um tipo particular de consciência, distinto de “razão” ou “conhecimento”, ou seja, um tipo de consciência na qual as emoções e afetos devem ser levados em conta. E, certamente, o gênero nos ajuda também a ver importantes aspectos de como homens e mulheres lidam, diferentemente ou não, com essas experiências. Para além da experiência, corporificada tanto naquele que narra seu corpo, como naquela pessoa que escuta e que experimenta de outra maneira, muitas vezes também corporificada em lágrimas, arrepios, risos, e outros gestos, essas narrativas também tem agência política.

Palavras chave: Corpos; Gênero; Emoções; Cone Sul; Ditaduras.

Artigo recebido em 17 ago. 2018.

Aprovado em 11 out. 2018.

ABSTRACT

This paper presents research results that focus on the use of gender and emotions in the rhetoric of resistance movements to dictatorships in the countries of the Southern Cone (Argentina, Bolivia, Brazil, Chile, Paraguay and Uruguay) from a perspective of *Histoire Croisée*. In interviews conducted in the research, as well as other sources such as periodicals, autobiographies and memoirs, statements to commissions, the bodies of political activists, male and female, are used to effect a shared experience with the public and to enhance empathy. This experience, according to Raymond Williams (1985), would be a particular kind of consciousness, distinct from "reason" or "knowledge," that is, a kind of consciousness in which emotions and affects must be taken into account. Gender also helps us to see important aspects of how men and women deal, differently or not, with these experiences. In addition to the experience, embodied in the one who narrates her body, as in that person who listens and who experiences in another way, often also embodied in tears, shivers, laughter, and other gestures, these narratives also have political agency.

Key words: Bodies; Gender; Emotions; Southern Cone; Dictatorships.